

## ECONOMIA COLONIAL I

### META

Apresentar a organização do espaço agrário colonial.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

discutir a importância do pau-brasil para o comércio colonial;

mostrar a importância da economia açucareira na ocupação do espaço agrário colonial;

descrever a organização do espaço agrário colonial;

apresentar a escravidão brasileira como modo de produção específico.

### PRÉ-REQUISITOS

Rever a aula sobre: “Administração Portuguesa e o Sistema Colonial”.



Figura 1 - Um engenho da época colonial  
(fonte: oc-cerqueira.zip.net).

## INTRODUÇÃO

Na aula anterior, vimos a montagem do Sistema Colonial e o seu elemento definidor, ou seja, o Pacto Colonial. Aprendemos que a colônia existia para atender às necessidades da metrópole, principalmente nos seus aspectos econômicos.

A ocupação das terras portuguesas na América faz parte de um movimento que objetivava expandir as relações comerciais para além do continente europeu.

Sabemos que o objetivo inicial da expansão era a terra das especiarias, produtos importantes para a população européia, principalmente depois da tomada de Constantinopla pelos Turcos em 1453. Esse feito dificultou o comércio entre o oriente e o ocidente a tal ponto que “ uma bolsa de pimenta na Europa valia mais do que a vida de um Homem” .

Ao buscar o Oriente, Portugal achou o Brasil, que passou trinta anos relativamente abandonado, salvo algumas expedições que aqui estiveram. Esse abandono ocorreu porque Portugal não ia deixar uma empresa como a das Índias para ocupar uma terra que num primeiro momento não apresentava nenhum atrativo que justificasse uma empresa do porte que seria uma colonização. Porém, uma atividade se desenvolveu anteriormente à posse efetiva do território: a extração do pau-brasil.

Portanto, a partir desta aula, veremos na prática a viabilização do referido sistema a partir da implantação e desenvolvimento de atividades econômicas que marcaram o período colonial, isto é: a exploração do pau-brasil, a economia açucareira, a pecuária, a mineração e as atividades de subsistência.

## ÁRVORE DE TINTA

O Pau Brasil (*caesalpinia echinata*), madeira que deu o nome definitivo à terra descoberta e nome derivado da sua cor avermelhada, era monopólio da coroa portuguesa.

Dele se retirava um corante que era utilizado para tingir tecidos. A mão-de-obra utilizada era predominantemente indígena, responsável pelo corte e carregamento das toras para o porto de embarque, que eram explorados em troca de bugigangas como pente, espelhos etc. Era uma atividade predatória.

Em 1503, foi concedido a Fernão de Noronha, aliado a cristãos novos, o arrendamento desta exploração. O arrendatário se comprometia a enviar anualmente seis navios ao Brasil, explorar cada ano 300 léguas de terra e manter uma fortaleza.

Essa atividade não possibilitou a fixação do homem à terra, isso só ocorreria com o início da agricultura, a partir da implantação do sistema de capitanias hereditárias e o desenvolvimento da agromanufatura açucareira.



Figura 2 - Exploração do Pau Brasil  
(Fonte: WWW.multirio.gov.br).

A importância econômica do pau-brasil não pode ser desprezada e a prova maior foi a presença de contrabandistas estrangeiros no litoral do Brasil. Para Hilário Franco Júnior, apesar de o valor de uma nau de 120 toneladas carregadas de especiarias valer sete vezes um igual carregamento de pau-brasil, não era desprezível, pois,

não se justificariam tantos cuidados do governo, se se tratasse de produto inferior na escala de lucros auferidos. O próprio interesse estrangeiro em participar desse comércio, com navios franceses e em menor escala, ingleses e espanhóis, procurando romper o monopólio lusitano, indica nesse sentido. (FRANCO JUNIOR, 1980).

## AGROMANUFATURA AÇUCAREIRA

A implantação da agromanufatura açucareira no Brasil se enquadrou perfeitamente nos objetivos da ocupação do espaço agrário no período colonial. O ouro tão almejado não foi encontrado e se não ocupasse a terra

poderia perder para as demais nações européias em busca da hegemonia no mercado europeu.



Figura 3 - Mapa retirado do CD-rom História do Brasil, da ATR Multimedia. in: (Fonte: www.historianet.com.br).

A ocupação econômica das terras portuguesas na América parecia, num primeiro momento, inviável, pois só se justificaria a ocupação com a exploração de um produto que tivesse altos preços no mercado europeu, gerando lucros para que Portugal conseguisse manter o seu império colonial. É nesse contexto que se insere o açúcar.

O açúcar é de origem asiática, foi introduzido na Europa através das cruzadas e na época era visto como uma especiaria, alcançando altos preços no mercado. Os Árabes introduziram na Sicília e na Espanha Moura. Foi da Sicília que Portugal levou mudas para as ilhas oceânicas (Madeira, Cabo Verde, Açores e São Tomé.)

No entanto, Portugal teve que enfrentar vários problemas no que refere à sua implantação no Brasil, ou seja,

- Transporte para as praças da Europa;
- Mão de obra;
- Capital inicial.

Com relação à questão do transporte, Portugal não possuía uma frota mercantil capaz de escoar a produção colonial para o mercado europeu. No que se refere à mão-de-obra, o problema era que produzir com base no trabalho assalariado, além de não ser uma prática predominante na

(época, é bom lembrar que naquele período a base da produção era servil). A existência de terras disponíveis provavelmente não transformaria a força de trabalho em assalariada. Outra questão é que Portugal, no momento da ocupação do Brasil, passava por problemas demográficos carecendo inclusive de ocupar algumas regiões internamente.

Quanto ao capital inicial para implantação dos engenhos, o que exigia altas quantias, como veremos adiante, o estado português não tinha recursos para um empreendimento desse porte e é nesse contexto que surge em cena o capital holandês.

Os holandeses, além de possuírem uma excelente organização comercial, possuíam o capital necessário para tal empreendimento,

Não somente com sua experiência comercial contribuíram os holandeses. Parte substancial dos capitais requeridos pela empresa açucareira viera dos Países Baixos. Existem indícios abundantes de que os capitalistas holandeses não se limitaram a financiar a comercialização do produto. Tudo indica que capitais flamengos participaram no financiamento das instalações produtivas no Brasil bem como no da importação de mão de obra escrava. (FURTADO, 1977, p. 110).

Foi Martim Afonso de Souza o responsável pela construção do primeiro engenho de açúcar no Brasil, logo após a implantação do sistema de capitânicas hereditárias. Este engenho foi construído na Capitania de São Vicente e recebeu o nome de Engenho do Governador. No entanto, o açúcar se adaptou mais no Nordeste, devido ao solo propício (o massapé), o clima e a proximidade da Europa.

O açúcar foi responsável pela transferência de uma massa significativa de recursos para a Metrópole, como podemos perceber no quadro a seguir:

Pelo caixão no engenho	1\$200
Por se levantar o dito caixão	\$050
Por 86 pregos para o dito caixão	\$320
Por 35 arrobas de açúcar a 1\$600	56\$000
Por carroto à beira-mar	2\$000
Por carroto do porto do mar até o trapiche	\$320
Por guindaste no trapiche	\$080
Por entrada no mesmo trapiche	\$080
Por aluguer do mês no dito trapiche	\$020
Por se botar fora do trapiche	\$160
Por direitos de subsídios da terra	\$300
Por direito para o forte do mar	\$080
Por frete do navio a 20\$	11\$520
Por descarga em Lisboa, para a alfândega	\$200
Por guindaste na ponte da alfândega	\$040
Por se recolher da ponte para o armazém	\$060
Por se guardar na alfândega	\$050
Por cascavel de arquear, por cada arco	\$080
Por obras, taras e marcas	\$060
Por avaliação e direitos grandes, a 800 réis, e a 20 por 100	5\$600
Por consulado a 3 por 100	\$840
Por combói a 140 réis por arroba	4\$900
Por maioria	\$600
O que tudo importa	84\$560

Quadro “Valores do açúcar” (Fonte: ANTONIL, 1982, p.141).

Eram transferidos para o Erário Régio 45% do custo do açúcar fino e 60% do inferior. O açúcar branco era cotado a 1\$600réis a arroba, chegando a Lisboa a 2\$410réis (AMED, 2000, p. 65).

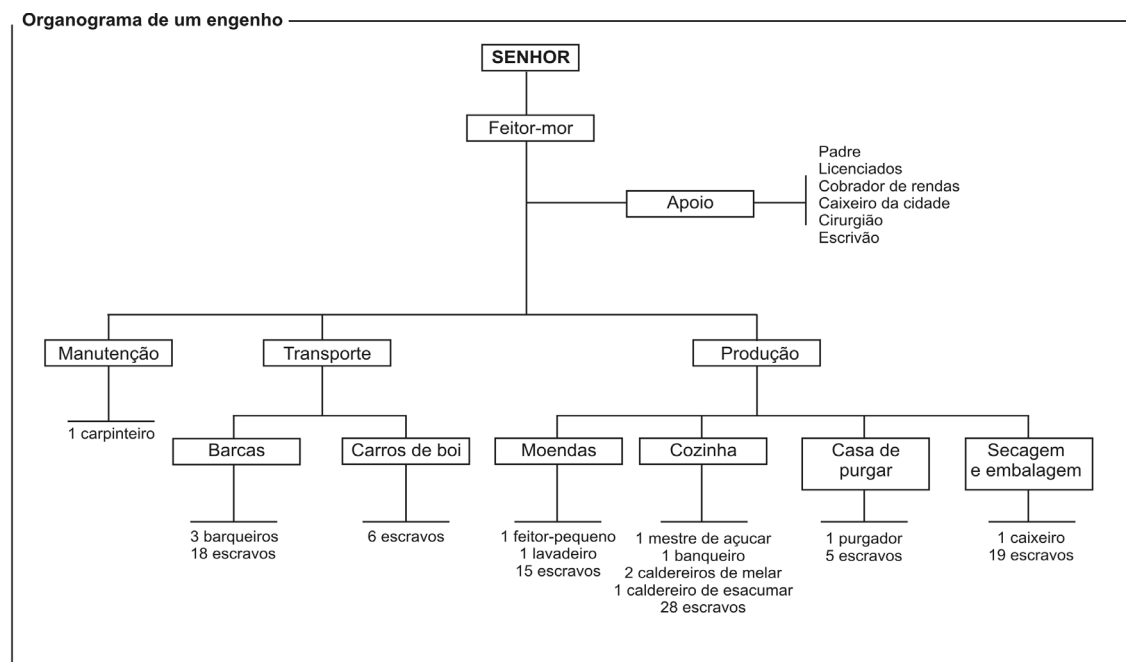
## A PLANTATION ESCRAVISTA

O termo engenho não se aplicava apenas às instalações onde se fabricava o açúcar. Engenho era toda a unidade de produção, englobando toda a propriedade com suas benfeitorias.

A vida no engenho girava em torno do quadrilátero:

- Casa Grande: residência do proprietário;
- Senzala: habitação dos escravos;
- Capela: onde se praticava os ofícios religiosos (catolicismo);
- Engenho: onde se fabricava o açúcar.

Essa unidade de produção praticava o sistema de “Plantation”, isto é, era uma empresa agrícola, latifundiária, monocultora e voltada para o mercado externo.



Organograma de um Engenho ( Fonte: FERLINE, 1994,P.53

Como podemos perceber no organograma acima, o engenho era uma verdadeira fábrica, não no sentido moderno, mas em termos de organização. Assim, temos:

- a) Uma divisão social do trabalho onde cada grupo de trabalhadores, sejam eles livres ou escravos, é especializado em uma fase do processo de produção;
- b) Produção voltada para o mercado;
- c) Separação dos produtores dos meios de produção – o produto final do trabalho era apropriado por uma pequena parcela, isto é, os senhores de engenho, mercadores etc.

Ciro Flamarion Cardoso resume as características da Plantation escravista em cinco pontos fundamentais:

- a) Existência de dois setores agrícolas articulados: o escravista, que era dominante e produtor de mercadorias para exportação, e um sistema camponês produtor de alimentos;
- b) Nível baixo no que se refere às forças produtivas com a utilização de forma intensiva, tanto dos recursos naturais quanto da força de trabalho;
- c) Divisão do trabalho entre os escravos. Como exemplo, temos os escravos chamados de ladinos e os boçais. Os ladinos eram dotados de aptidões e prestavam serviços especializados tais como de carpinteiros, carreiros, oleiros etc. Os boçais eram aqueles que tinham ocupação na lavoura.
- d) Um processo de produção reproduzido a partir do tráfico africano.

No nível macroeconômico, o sistema escravista era inseparável do capital mercantil e no micro econômico a empresa dependia de um alto grau de auto-suficiência quanto aos insumos locais e minimização das despesas de manutenção dos escravos.

Um engenho de grande porte moía, anualmente, 200 tarefas o que significava que a extensão da lavoura não chegava a 10%, o restante era reservado para o fornecimento de lenha e madeira.

Ora, como poderia, apenas com essa área de cultivo, o Brasil suprir as necessidades do mercado externo? Na verdade, no período de rentabilidade alta a maior parte da cana de açúcar moída vinha dos lavradores e o engenho concentrava o processamento do açúcar.

Assim, abaixo dos senhores de engenho temos os lavradores, que se dividiam em três grupos:

- Lavradores proprietários livres – eram donos de terras que cultivavam cana-de-açúcar, mas não tinham engenho. O termo “livre”, era utilizado porque podiam escolher a quem entregar a cana para moer;
- Lavradores proprietários obrigados - estavam subordinados ao proprietário do engenho de quem haviam adquirido as terras;

- Lavradores arrendatários - arrendavam terras dos senhores de engenho para o cultivo da cana-de-açúcar.

O engenho “foi o pólo aglutinador da sociedade açucareira nos primeiros séculos da colonização, ordenando a propriedade e o uso da terra em função da dinâmica do grande comércio” .

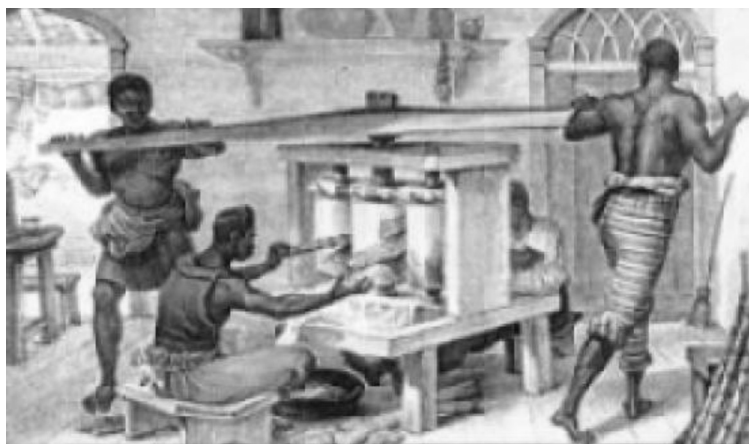


Figura 4 - Engenho colonial brasileiro, operado por escravos, em ilustração do século XIX, pintura de DEBRET .



## MÃO-DE-OBRA

Inicialmente a mão-de-obra utilizada nos engenhos foi indígena, mas, gradativamente, foram introduzidos escravos negros. O negro foi introduzido como mão-de-obra porque o tráfico negreiro dava lucros para a coroa portuguesa, assim, podemos afirmar que não foi a escravidão que gerou o tráfico e sim o tráfico que gerou a escravidão.

O tráfico negreiro foi uma atividade lucrativa para a coroa portuguesa. Pensar em introduzir mão-de-obra livre era impossível devido à estrutura econômica montada na colônia, pois a disponibilidade de terras tornaria esses homens livres independentes.

Desde o século XV que o tráfico negreiro era praticado por Portugal, que começa a utilizar esse tipo de mão-de-obra nas ilhas oceânicas (Madeira, Açores, cabo Verde, São Tomé) no cultivo da cana de açúcar.



Figura 5 - Família de um chefe camacã se prepara para uma festa. Os índios foram os primeiros escravo no Brasil. Jean Baptiste Debret (Fonte: [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org)).

Na África, os negros eram trocados por bugigangas, como tabaco, aguardente etc. Trazidos para o Brasil nos navios negreiros, eram vendidos, principalmente nas praças do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, e daí distribuídos para o restante da Colônia.

Os escravos chegaram ao Brasil provenientes de várias áreas da África, a saber:

- BANTOS – África Equatorial e Tropical, Guiné, Congo e Angola
- SUDANESES- África Oriental, Sudão e Moçambique.

Ao longo de todo o período colonial, foram introduzidos no Brasil cerca de 4 milhões de escravos. O sistema escravista integrava três camadas sociais: o escravo, o senhor de engenho e a burguesia metropolitana, como podemos perceber no organograma a seguir.



Organograma sistema escravista (Fonte: www.culturabrasil.org)

O escravo era coisa, mercadoria, que podia ser vendido, trocado.

Nesse contexto, desenvolveu-se no Brasil um modo de produção específico, o Escravismo Colonial

Além dos escravos que de acordo com Antonil “eram as mãos e os pés dos senhores de engenho”, aqueles que não tinham recursos gravitavam em torno dos engenhos, eram os trabalhadores especializados, agregados, moradores que prestavam serviços aos senhores.

Trabalhadores especializados, assalariados, que desenvolviam vários ofícios, estavam presentes na agromanufatura açucareira, tais como:

- FEITOR MOR: gerenciava todo o processo de produção;
- CAIXEIRO DA CIDADE: era o agente comercial, encarregado da venda ou do embarque do açúcar;
- COBRADOR DE RENDAS: recebia o pagamento dos lavradores arrendatários;
- ESCRIVÃO: controlava os estoques de ferramentas, tecidos, alimentos etc.;
- SOLICITADOR: procurador do engenho;
- LETRADOS: assessor do solicitador;
- CIRURGIÃO: cuidava dos negros, aplicando medicamentos;
- MESTRE DE AÇÚCAR: era o responsável pelo processo técnico de produção do açúcar;
- CALDEREIRO: responsável pela limpeza do caldo da cana;
- BANQUEIRO: auxiliar do mestre de açúcar;
- CARAPINA: responsável pela manutenção das rodas da moenda;
- FEITOR PEQUENO: responsável pela moagem;
- LEVADEIRO: auxiliar do feitor pequeno;
- PURGADOR: supervisionava o processo de clarificação do açúcar;
- CALAFATES: calafetava as barcas;
- FERREIRO, PEDREIRO E TACHEIROS: responsáveis pela manutenção dos tachos de cobre.

A partir de meados do século XVII, a economia açucareira entrou em crise por conta da expulsão dos holandeses do Nordeste. Senhores da técnica como também da fabricação de equipamentos, estes implantaram nas Antilhas um complexo açucareiro que em poucos anos começou a concorrer com o açúcar produzido no Brasil. Como também outro tipo de adoçante começou a ser utilizado na Europa: o açúcar da beterraba.

A partir do século XVIII, o açúcar brasileiro voltou a despontar como um dos principais produtos na pauta das exportações brasileiras, devido a fatores externos como a reabertura dos mercados consumidores e a crise da produção das Antilhas.

### ATIVIDADES

1. Qual a importância da exploração do pau-brasil para a Coroa portuguesa?
2. Quais as dificuldades encontradas por Portugal na implantação da agromanufatura açucareira? Como foram solucionadas?
3. Por que o engenho pode ser comparado a uma fábrica?
4. Cite e explique as características da plantation escravista.
5. Por que o escravismo colonial pode ser visto como um modo de produção?



### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

A exploração do pau-brasil foi uma atividade importante nos primeiros anos após a descoberta do Brasil. Apesar de ser uma atividade predatória possibilitou, mesmo que de forma superficial, o reconhecimento do litoral. Não restam dúvidas de que apesar das dificuldades enfrentadas por Portugal para a implantação da agromanufatura açucareira, a exemplo da questão do financiamento, esta se constituiu na base da economia colonial, assentada sobre o modo escravista de produção.

### CONCLUSÃO

A primeira atividade econômica do Brasil, foi a exploração do Pau Brasil, que apesar de não fixar o homem a terra foi responsável pela transferência de lucros para a Coroa portuguesa. É portanto com a cana de açúcar que tem início a posse efetiva do território. Esta atividade foi responsável pela transferência de uma massa significativa de recursos para a Metrópole. Tinha como unidade básica de produção o engenho, que se assemelhava a uma fábrica. Inicialmente a mão de obra utilizada foi a indígena, porém com os lucros do tráfico negreiro, o índio foi substituído pelo negro africano.



## RESUMO

Nesta aula vimos a ocupação do espaço agrário brasileiro, principalmente a partir da implantação da agromanufatura açucareira. Esta atividade foi responsável pela transferência de recursos significativos para a Metrópole. Inicialmente os colonizadores utilizaram a mão de obra indígena, sendo substituída pelo escravo negro devido principalmente aos lucros provenientes do tráfico.

## REFERÊNCIAS

- ANTONIL, André João. **Cultura e opulência no Brasil**. São Paulo: Itatiaia, 1982.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **História Econômica Geral e do Brasil**. São Paulo: Atlas, 1980.
- FERLINI, Maria Lúcia Amaral. **A civilização do açúcar**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1977.
- SIMONSEN, Roberto C. **História econômica do Brasil: 1500-1820**. São Paulo: Editora Nacional, 1947
- AMED, Fernando José. **História dos tributos no Brasil**. São Paulo:Edições SINAESP, 2000.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. **A Afro-América: a escravidão no Novo Mundo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- TOPALOV, Cristian. **Estruturas agrárias brasileiras**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. Disponível em <<http://www.culturabrasil.org>>.